

FEITIÇO DE BEM-QUERER E DESEJOS COMPARTILHADOS

Kamilla Mesquita Oliveira (Universidade Federal de Alagoas – UFAL)¹

RESUMO

Este artigo trata-se de um relato acerca de uma performance inspirada em trechos da obra - *Caos: Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares* de autoria de Hakim Bey (2003); em especial os dois tópicos - *Amor Louco* e *Feitiçaria*. Essa pesquisa-performance flerta com o universo da feitiçaria, sondando possíveis aproximações com a dança, em especial a instauração de um jogo; de uma dramaturgia tecida pelas relações entre corpo e demais elementos na construção do que BEY (2003) nomeia de "cultivo de uma consciência aprimorada"; ou ainda "captura da presença", termos esses que nos levam a traçar possíveis analogias com a instauração de um estado de presença cênica que se constrói por meio da criação de um jogo de cunho ritualístico, inspirado no universo da Feitiçaria, e protagonizado pelo corpo em movimento.

PALAVRAS-CHAVE

Feitiçaria; Amor; Corpo; Dança; Presença.

ABSTRACT

This article is an account of a performance inspired by excerpts from the work - *Chaos: Poetic Terrorism and Other Exemplary Crimes* by Hakim Bey (2003); in particular the two topics - *Mad Love* and *Sorcery*. This research-performance flirts with the Sorcery's universe, probing possible approaches to dance, especially the establishment of a game; of a dramaturgy woven by the relationships between the body and other elements in the construction of what BEY (2003) calls "cultivation of an improved conscience"; or "capture of presence", terms that lead us to draw possible analogies with the establishment of a state of scenic presence that is built through the creation of a ritualistic game, inspired by Sorcery, and starring the body in motion.

KEYWORDS

Sorcery; Love; Body; Dance; Presence.

Corpos solitários que se isolam por todas as partes. Partes solitárias que se almejam tocar, sentir. Um vírus que nos afasta de todos. Nos priva de sentidos. Ou nos obriga a redescobri-los de outras maneiras.

¹Doutora em Artes da Cena – UNICAMP, bailarina e docente em Dança na UFAL. E-mail: kamillamoliveira@yahoo.com.br

Sozinhos, nos vemos mais tempo com nós mesmos. Partes de si próprio se revelam. Talvez descubramos mais sobre nós em meio à solidão. Eu mesma, posso dizer que me redescobri ao longo deste período.

Descobri novos prazeres. Novos afazeres que no tempo ocioso se revelaram como parte de uma nova rotina criada. Estratégias para fugir do tédio? Da Loucura? Ou oportunidades de visitar novas sensações? Talvez um pouco de tudo isso. Medidas exatas e alquimicamente misturadas de cada um desses ingrediente: sensações; prazeres e loucura.

Impossível não iniciar o relato deste *Feitiço-Performance* sem contextualizá-lo. Sem mencionar um pouco de suas referências primeiras, e como ele surge – aparentemente inocente- em meio a esse desenho de novas rotinas pandêmicas de sobrevivência ao caos.

E por falar em Caos – esse deus tão fascinante que a tudo dá origem; é interessante pensarmos que o imaginário humano personifica a figura do caos; da não ordem; talvez, numa necessidade de humanizar essa sensação de desordem; mas também na esperança de que dessa não organização; desse vazio; algo com um mínimo de organicidade surja.

Caos é a personificação do vazio primordial, anterior à criação, quando a ordem ainda não havia sido imposta aos elementos do mundo(...). Na cosmologia egípcia o Caos é uma energia poderosa do mundo informe e não ordenado, que cinge a criação ordenada, como um oceano circula a terra. Existia antes da criação e coexiste com o mundo formal, envolvendo-o como uma imensa e inexaurível reserva de energias, nas quais se dissolverão as formas nos fins dos tempos. (BRANDÃO, 1991, p.182)

Nesse momento em que aparentemente vivemos um “pedaço de fim de mundo” o caos rondou a cada um de nós, em maior ou menor escala. Mas fatalmente, todos nós nos deparamos em algum momento com sua ronda. Por vezes, me permiti abrir a porta da minha casa para sua entrada. Deparei-me com aquele angustiante vazio da não-rotina, e nessa escuridão do não-fazer, tentei descobrir coisas que nunca havia feito antes: cursos on-line; culinária; artesanato; jardinagem... ah... e não poderia deixar de mencionar que nesse novo universo de novas rotinas e sensações, também surge um novo amor. Seria uma artimanha entre Caos e Eros? O pai teria me presenteado com a visita do filho? Afinal, segundo as mais antigas teogonias “Eros nasceu do Caos, ao mesmo tempo que Géia e Tártaro ” (BRANDÃO, 1991, p.356).

O Caos empoleira-se numa montanha do céu: um pássaro gigantesco, como uma asa-delta amarela ou uma bola de fogo vermelha, com seis pés & quatro asas — ele não tem rosto, mas dança & canta. (...) Caos, o Abismo, é anterior a tudo, depois vem a Terra/Gaia, & então o Desejo/Eros. Desses três surgiram dois pares - Érebo& Noite ancestral, Éter & Luz diurna.(BEY, 2003, p.23)

Deuses tão primordiais – essências primeiras de humanidade. O pássaro sem rosto de Bey adentra minha janela e empoleira-se no meu beiral, mas me presenteia com seu rebento. Una e caótica, encontro no outro uma oportunidade de me (re)conhecer, e para além dos prazeres sexuais encontrar em mim mesma tantos outros prazeres concretizados em novas ações.

Eros traduz ainda o *complexiooppositorum*, a união dos opostos. O amor é a pulsão fundamental do ser, a libido, que impele toda a existência a se realizar na ação. É ele que atualiza as virtualidades do ser, mas essa passagem ao ato só se concretiza mediante o contato com o outro, através de uma série de trocas materiais, espirituais, sensíveis, o que fatalmente provoca choques e comoções. (BRANDÃO, 1991, p.357)

Acometida por esses novos prazeres, sou em algum momento seduzida por um *card* de divulgação de um curso *online* intitulado: *Caos e Terrorismo Poético*, ministrado pelo bailarino e pesquisador Thiago Abel². Confesso que em um primeiro momento, a sedução se deu tanto pelo título do curso, mas também pelo ministrante, visto que eu já havia realizado uma oficina de Butô com Thiago, e ainda que tenha sido no formato remoto, fora uma vivência muito potente. Enfim, inscrevi-me no curso e somente ao iniciarem-se as aulas fui percebendo que se tratava de um estudo da obra de HakimBey³ -*Caos e Terrorismo Poético: e outros crimes exemplares*.

Basicamente, ao longo do curso, encontrávamo-nos em uma sala virtual, líamos trechos do texto, discutíamos sobre; e alguma tarefa a partir do texto era proposta. Não era um curso *online* de dança como outros que eu vinha fazendo desde o início da pandemia. O corpo permanecia, aparentemente em pausa, sentado ao longo de todo o encontro virtual. Mas paradoxalmente, o curso me movia de uma maneira muito especial ao longo de toda a semana, refletindo acerca do texto e elucubrando possibilidades de realização das tarefas propostas que, que em geral consistiam na escrita de um pequeno texto ou na realização ou planejamento de uma pequena ação performativa.

A leitura do texto me era sempre perturbadoramente fascinante. A mescla de poesia e falta de sentido que se apresentavam a mim naquelas páginas, me fazia transitar por estados de sensação de impotência, por não compreender totalmente os conteúdos, alternados com um

²**Thiago Abel (Brasil/SP)** -Bailarino e diretor do Núcleo Experimental de Butô (SP). Doutorando em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP);Mestre em Artes da Cena pela (UNICAMP); Licenciado em Teatro (Mozarteum), técnico em Teatro (INDAC) e Dança (ETEC).

³**HakimBey -Peter Lamborn Wilson (EUA -1945)**, conhecido pelo pseudônimo de HakimBey é um historiador, escritor e poeta, pesquisador do Sufismo. Autor de diversas obras, dentre elas -*Caos: Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares* (primeira publicação em 1985 como HakimBey).

estado de extrema potência pelas poderosas imagens e analogias que se revelavam a cada parágrafo.

O caos é anterior a todos os princípios de ordem & entropia, não é nem um deus nem uma larva, seus desejos primais englobam & definem toda coreografia possível, todos éteres ouflogísticos sem sentido algum: suas máscaras, como nuvens, são cristalizações da sua própria ausência de rosto. (BEY, 2003, p.7)

Essa anarquia poética de Bey ia se alternando na minha nova rotina junto a pesquisas de receitas e aventuras iniciais na cozinha; jantares a dois; carícias eróticas; orgasmos; algumas crises existenciais e danças pelos cômodos da casa. E nessa nova e anárquica rotina que foi se criando são lidos os tópicos *Feitiçaria* e *Amor Louco*, presentes nesta mesma obra de Bey.

Deparo-me com a conceituação do que seria o *Amor Louco (AL)*, algo tão bizarro e sublime ao mesmo tempo. Algo que de alguma maneira eu estava vivenciando, talvez construindo com outrem. Cada qual com sua liberdade total e absoluta de ir ou ficar, iam escolhendo de maneira cada vez mais frequente estarem juntos. Cada qual com seu território, com seu mapa próprio, aos poucos optavam por cruzar, ainda que temporariamente (importando o momento presente da escolha) cruzar suas cartografias caóticas de peles e prazeres.

O AMOR LOUCO não é uma socialdemocracia, não é um parlamentarismo a dois. As atas de suas reuniões secretas lidam com significados amplos, mas precisos demais para a prosa. Nem isso, nem aquilo - seu Livro de Emblemas treme em suas mãos. (...)Cada um de nós possui metade do mapa — como dois potentados renascentistas, definimos uma nova cultura com a nossa excomungada união de corpos, fusão de líquidos — as fronteiras imaginárias da nossa cidade-Estado se borram com o nosso suor. (BEY, 2003, p.12)

A anárquica rotina continua, embebida em tais suores e líquidos fusionados; e eis que em um dos dias do curso lemos juntos o tópico *Feitiçaria*. Não nego que fora para mim o mais instigante dos textos. Talvez porque o arquétipo da Feiticeira me seja algo atraente desde a infância. Sempre adorei filmes e contos sobre bruxas. Sempre admirei mulheres ao meu redor que exalavam um aroma de feitiçaria, seja por lidarem com ervas, por realizarem pequenas alquimias terapêuticas, por dançarem ou cantarem com um ar de mistério e fascínio que transmuta a energia do ambiente.

As falas rítmicas das três Bruxas de *Macbeth*; a insana alquimia mortal de Medéia; a sedutora movimentação corporal das feiticeiras de Avalon para conduzirem as brumas. Todas essas imagens iam surgindo no meu imaginário enquanto líamos o texto de Bey. Todo aquele fascínio pela figura da feiticeira ia se potencializando por um frescor dançante e sensual que

essa *nova feiticeira* ia assumindo no meu imaginário. Talvez uma feiticeira arrebatada por um *Amor Louco*. “O AMOR LOUCO pede uma sexualidade incomum, da mesma forma que a FEITIÇARIA exige uma consciência incomum. (...)” (BEY, 2003, p.13)

Sexualidade e consciência incomuns. De fato, o corpo em estado de *Amor Louco* se torna presente de maneira muito singular. Carícias das pontas dos dedos na base da minha coluna já eriçam todos os pelos do meu corpo, já aceleram as batidas do coração; já lubrificam a minha vulva. Todos os sentidos se aguçam. Cheiros, pele; paladar. Tudo se amplifica de tal maneira que o corpo é capaz de se conectar de maneira muito potente com aquele outro corpo. Entrecruzando universos, em analogia com um território específico da dança, me arriscaria comparar o estado de *Amor Louco* com a Dança em *Contato-Improvisação*. Entendo o que Steve Paxton⁴ diz sobre não ser um, nem outro, mas uma *terceira entidade* que conduz o acontecimento de contato entre os dois corpos dançantes. Trata-se de uma consciência expandida, de uma pele pensante, de desejos autores de uma coreografia extremamente síncrona, mas nunca programada. Ela apenas acontece pois se deleita com o momento presente. Tal estado de presença que o *Amor Louco* traz ao Corpo também se faz, segundo Bey, na *Feitiçaria*.

FEITIÇARIA: o cultivo sistemático de uma consciência aprimorada ou de uma percepção incomum & sua aplicação no mundo das ações & objetos afim de se conseguir os resultados desejados. O aumento da amplitude da percepção gradualmente bane os falsos eus, nossos fantasmas cacofônicos.(...)Quando o nosso conhecimento da beleza se harmoniza com o *ludusnaturae*, a feitiçaria começa. (BEY, 2003, p.30)

Consciência aprimorada; percepção incomum; ações; objetos... desejo. Tais ingredientes de alguma maneira me remetem à magia que se estabelece dentro de um jogo cênico, seja na dança ou no teatro. A natureza do jogo: acordos que se estabelecem; ações que se sucedem em relação com objetos ou entre os jogadores. Um outro tempo-espço que se instaura. A magia de *ludus* contamina os jogadores com um sentimento contraditório de “*tensão e alegria*” (HUIZINGA, 1996) – um estado de jogo; um estado de presença.

A definição de jogo trazida por Johan Huizinga⁵ em sua obra *Homo Ludens*, nos traz algumas similaridades muito interessantes com o universo da Feitiçaria, em especial a

⁴**Steve Paxton**(EUA:1939) – bailarino experimental e coreógrafo. Foi membro fundador de grupos experimentais de grande relevância na história da dança cênica experimental – tais como *Judson Dance Theater* e *Grand Union*. Nomeou e iniciou o desenvolvimento das pesquisas da forma de dança conhecida como contato-improvisação, que investiga as possibilidades de improvisacionais de dança no contato entre corpos.

⁵**Johan Huizinga** (Holanda:1872-1945) – Historiador e linguista, conhecido por trabalho na área de história cultural e crítica da cultura. Destacamos aqui sua obra *Homo Ludens* – grande referência para estudos acerca do caráter cultural dos jogos.

instauração de um estado de corpo/vida que se difere do que Huizinga nomeia de *vida cotidiana*.

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria; e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. (HUIZINGA, 1996, p.33)

De fato, ao nos dispormos a jogar, seja qual for o jogo, há a instauração de um novo estado, no qual o ser se entrega àquele acontecimento, até que o jogo finalize, que o estúdio ou quadra se esvazie, que o vencedor suba ao pódio, que as luzes do palco se apaguem, ou que a brincadeira de faz de conta cesse com o toque do sinal que anuncia o fim do recreio. Seja qual for o jogo em questão (esportivo; cênico, brincadeira infantil) há sempre uma aura de escape da realidade, criando-se uma espécie de tempo-espaço próprio para o acontecimento lúdico. Um outro estado psicofísico não cotidiano passa a existir, sem, no entanto, deixar de coexistir com a realidade.

A feitiçaria funciona criando ao redor de si um espaço físico/psíquico ou aberturas para um espaço de expressão sem barreiras - a metamorfose do lugar cotidiano numa esfera angelical. Isso envolve a manipulação de símbolos (que também são coisas) & de pessoas (que também são simbólicas) - os arquétipos fornecem um vocabulário para esse processo &, portanto, são tratados ao mesmo tempo como reais & irrealis, como as palavras. Ioga da Imagem. (BEY, 2003, p.31)

Nesse complexo ato de manipulações simbólicas, como bailarina, me é impossível não relacionar Dança com *Jogo*, e conseqüentemente com *Feitiçaria*. Ao dançar, vislumbro a possibilidade dessa criação de imagens simbólicas que se formam e se esvaem efêmeras dentro deste trânsito de realidades e irrealidades. Instauro um outro estado de ser; um estado de jogo dançante, que tal qual a Feitiçaria metamorfoseia o cotidiano. Afinal, o corpo que dança é o mesmo corpo que vive, que dorme, que escova os dentes e realiza as mais triviais ações, mas ao dançar, ele se transmuta em um *não-ser cotidiano*, assume uma outra dimensão psicofísica a qual costumamos nomear e perseguir constantemente nas artes cênicas sob algumas diversas alcunhas: *Corpo Dilatado*; *Corpo Presente*; *Presença Cênica*, ou dentre tantos outros, simplesmente *-Presença*.

O Corpo Dilatado é um corpo quente, mas não no sentido emocional ou sentimental. Sentimento e emoção são apenas uma consequência, tanto para o ator como para o espectador. O corpo dilatado é acima de tudo um corpo incandescente, no sentido científico do termo: as partículas que compõem o comportamento cotidiano foram excitadas e produzem mais energia, sofreram um incremento de movimento, separam-se mais, atraem-se e opõem-se com mais força, num espaço mais amplo ou reduzido. (BARBA & SAVARESE, 1995, p.54)

Partículas excitadas... eis que o *Amor Louco* por aqui também ronda. Há sempre, no ato de dançar, uma excitação, um corpo que copula com o Espaço; e se deleita em uma entrega total e absoluta ao tempo presente. É nessa emanção da presença que me sinto um pouco feiticeira ao dançar. Poderia uma Dança ser um Feitiço; ou um Feitiço ser uma Dança? Ouso fazer essa pergunta quase em paráfrase a um trecho do texto de Bey, no qual ele afirma que a poesia poderia agir como feitiço e vice-versa, mas desde que os símbolos emanados, sejam estes da dança, da poesia ou de qualquer outro meio, se proponham a uma autêntica *captura da presença*.

Um poema pode agir como um feitiço & vice-versa — mas a feitiçaria recusa-se a ser uma metáfora para uma mera literatura - ela insiste que os símbolos devem provocar incidentes assim como epifanias particulares. Não é uma crítica, mas um refazer. Ela rejeita toda escatologia & metafísica da remoção, tudo que é apenas nostalgia turva & futurismo estridente, em favor de um paroxismo ou captura da *presença*. (BEY, 2003, p.31)

E retornando às tarefas do curso *online* anteriormente mencionado, ao lermos o tópico *Feitiçaria*, foi-nos proposto que fizéssemos e/ou escrevêssemos uma proposta de feitiço. Fosse este de qualquer natureza. Algo que envolvesse ações; manipulações de elementos, entoação de palavras mágicas, ou nada disso; mas que de alguma maneira provocasse as tais mencionadas por Bay: *epifanias particulares*; *paroxismos* ou *capturas da presença*.

Novamente... *Medeia*, *Macbeth*, *Brumas de Avalon*, além da memória de pequenos rituais e simpatias realizados pela minha mãe e minha vó, desde a minha infância, iam se mesclando na minha mente. Mas eu insistia em procrastinar o momento de sentar em frente ao computador e realizar a tarefa proposta, embora, em momento algum ela se dissipasse totalmente da minha mente – bruma insistente que me perseguia. Havia o desejo de realizar aquela tarefa, de flertar com um universo que me fascina. Mas não tinha a menor ideia de por onde iniciar.

Segue-se a rotina de novos fazeres e procrastinações. E num desses novos fazeres me observo em uma sequência interessante de ações aparentemente corriqueiras. Ligo o computador e seleciono a minha *playlist de favoritos do spotify*; aumento o volume do som; acendo um incenso; pego uma tábua de madeira e começo a cortar um maço de hortaliças ao som de uma das minhas músicas favoritas e envolta pelo perfume do incenso. Adoro talos de couve. Aqueles que sobram, já vou levando à boca enquanto fatio o restante das folhas. Aí segue-se o espremer de limões; a adição de azeite; sal... Deparo-me com uma garrafa de vinho esquecida na geladeira. Resolvo servi-me de uma pequena dose. Segue tocando a música e o aroma do incenso ocupa cada vez mais o ar da cozinha.

Começo a observar-me naquele sequenciar de ações que vão se fazendo um tanto dançantes, talvez contaminados pela música que inebria o ar junto ao aroma exótico de um incenso de *pachoulli*. Vou tomando consciência do quanto aquele ato de preparar uma simples salada, possuía um potencial de jogo; de dança; e talvez também de feitiçaria. Resolvo então adicionar ao cenário da cozinha papel e caneta. Vou me observando e registrando por escrito minhas ações. Ênfase, e por vezes recrio algumas das ações ao longo da escrita. E ao finalizar a salada, percebo que havia criado também um pequeno feitiço.

Segue abaixo a descrição do *Feitiçonomeado: Feitiço de Bem Querer e Desejos Compartilhados*. Vale ressaltar que as ações que compõem o feitiço foram poetizadas, algumas delas recriadas, mas todas surgem de um ato cotidiano – a preparação de uma simples salada de couve e frios.

Ritual de Bem-Querer e Prazeres Compartilhados

Coloque uma Trilha Musical que te dê prazer – é importante que o volume esteja no módulo 69;

Ascenda um incenso de Patchoulli e defume cada uma das hortaliças na fumaça do incenso, enquanto mentaliza os momentos prazerosos que já passaram juntos;

Fatie as folhas numa tábua de madeira em formato de Coração; e enquanto vai fatiando as folhas pode ir degustando os talos com o mesmo prazer e gula que degusta o falo dele;

Fatie dois limões, cada um em quatro partes, mentalizando afastar todo o amargor da relação de vocês;

Esprema os limões sobre as folhas; tempere com sal e muito azeite, lubrificando a salada e mentalizando a sua vulva bem lubrificada também;

Complemente com proteínas – CARNES À VONTADE - Deguste pequenos pedaços enquanto acrescenta na salada. Delicie-se! ...

Finalize com lascas de queijo à gosto... Lembre-se do gosto do beijo dele; e de todo o desejo que sente em estar com ele... ele dentro de você!

Leve a salada à geladeira e deixe descansar algumas horas antes de comê-la (sozinha ou acompanhada);

E enquanto descansa, deguste uma taça de vinho, com seis sementes de romã, entoando as seguintes palavras:

Que cada gota deste líquido rubro-

Fonte de Gozo e doçura

Penetre meu Corpo e o deixe

Cada vez mais doce e saboroso para ti;

Que nossos Corpos se ofertem prazeres

Que nossas companhias nos propiciem leveza e alegria

Que nossos beijos selem um pacto de parceria saudável e feliz

E se for do desejo do Cosmos; e de nossos desejos próprios

Que nossos sonhos e vidas se entrelacem cada dia mais,

*Com Amor, Respeito,
E muito Tesão Sempre!
Que Assim Seja!*

Culinária e *Amor louco*. Esses dois ingredientes transmutaram minha cozinha em um Espaço mágico. Preparar uma salada foi ganhando uma dimensão outra. Passo a jogar com os elementos ali presentes. Meu corpo também assume uma outra presença – *Corpo Dilatado*; partículas excitadas que rememoram a excitação de um *Amor Louco* que atravessa tal corpo.

Utensílios de cozinha e hortaliças assumem uma outra natureza. Talvez mais próxima da *ludusnaturae* – mencionada por Bey – uma natureza lúdica que evoca o jogo; a magia; e transforma um ato cotidiano em não cotidiano – culinária em *Feitiçaria*.

Fiz a salada (*Feitiço*). Comi-a. Devorei meu próprio bruxedo. Por vezes ria-me pensando o quão tolo era cogitar que uma salada poderia ser um *Feitiço*. Claro que não penso nisso como uma espécie de “feitiço de amarração”, uma simpatia para manter relacionamento, nem nada do gênero. Foi simplesmente um entrelaçar de memórias e desejos enquanto executava (um tanto magicamente) uma ação simples e cotidiana. Apenas revelei a mim mesma verdades do que sinto; reafirmei para mim mesma desejos; e desejei que tudo isso se fortaleça a depender “*do desejo do Cosmos e dos nossos desejos próprios*”.

Conforme o próprio Bey afirma nenhuma magia é capaz de forçar um Desejo, talvez os potencialize no corpo do autor, como eu potencializei os meus em um corpo dançante que prepara uma salada. “ (...) A “magia negra” da inveja & da vingança volta-se contra o autor porque o Desejo não pode ser forçado. (BEY, 2003, p.30)

Li o tal feitiço para os colegas do curso em uma das aulas *online*. Foi a primeira partilha. Algo já se iniciava. Percebia na reação dos colegas que aquela salada talvez não fosse assim tão tola. Que talvez a *feitiçaria* de fato estivesse ali iniciando-se... talvez uma alquimia de criação estivesse sendo concebida.

Ao propor algo para compartilhamento na ABRACE, ousou compartilhar novamente o *feitiço*, porém agora não apenas na leitura do mesmo, mas na execução dançada deste. Danço o *Fetiço*. A cozinha já não é mais somente cozinha. Ela é um Espaço ritualístico e cênico. Os espectadores são quadradinhos numa plataforma de videoconferência. Mas opto por não gravar um vídeo prévio. Insisto em fazer ao vivo, mesmo que vulnerável a todos os lapsos de uma câmera tremida ou de uma possível queda de conexão,mas desejo que a *Dança-Feitiço* aconteça em tempo real. Persigo a tal *captura da presença*(BEY, 2003); a excitação das partículas, música, aroma, hortaliças, corpo, respiração, boca, saliva, língua... tudo permanece

à distância, emoldurado por um quadradinho aos olhares que estão tão longe, cada um em um lugar. Mas por alguns instantes aquele quadradinho se faz meu espaço mágico. Meu Corpo busca instaurar o jogo – um jogo de Feitiçaria; um jogo de *Dança-Feitiço* que envolve minha cozinha; meu corpo; ingredientes de uma salada; música; aroma (que só eu sinto); palavras; e toda a gama de sensações que afetam aqueles outros olhares – também *jogadores-testemunhas* daquele acontecimento – daquele sortilégio dançado.

Com certeza esse acontecimento nunca será repetido. Efêmero e único como é a natureza da dança e também do jogo. Ele pode se recriar outras vezes; reatualiza-se no futuro. Expandir-se em uma estrutura dramática – virar um espetáculo; ou simplesmente permanecer como um momento de um tempo decorrido; mas naquele momento ele buscou capturar a presença; e por ser presente no corpo, fatalmente é eterno. Corpo, na Dança; na *Feitiçaria e no Amor Louco* transmuta-se sempre em *Eternidade e o encontro* potente desses Corpos – em *Vastidão*.

Incenso & cristal, adaga & espada, cetro, túnicas, rum, charutos, velas, ervas como sonhos secos — o garoto virgem com o olhar fixo num pote de tinta — vinho & haxixe, carne, iantras & gestos - rituais de prazer, o jardim de huris & saguis - o feiticeiro escala essas serpentes & escadas até o momento totalmente saturado por sua própria cor, em que montanhas são montanhas & árvores são árvores, em que o corpo se torna eternidade & o amado torna-se vastidão. (BEY, 2003, p.31)

Se a vivência deste *Amor Louco* persistirá? Prefiro entregar à sorte essa decisão mais longínqua, importando-me por enquanto apenas vivê-lo com a intensidade eterna do instante presente. *Eternidade e Vastidão* passam a ser percepções de Tempo-Espaço que envolvem desejos ... O desejo atual é de amar em *Amor Louco* e de Dançar em *Estados de Feitiçaria*. Essa *Dança-Feitiço* pretende projetar-se um tanto mais eterna e um tanto mais vasta. Atingir outros Espaços cênico/ritualísticos; afetar outros espectadores/testemunhas; capturar constantes e ininterruptas presenças.

Enfim, se assim for o desejo do Cosmos, em consonância ao meu desejo próprio....
Que assim seja!

REFERÊNCIAS

BARBA, Eugênio e SAVARESE, Nicola. **A Arte Secreta do Ator**. Trad. Luis Otávio Burnier. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

BEY, Hakim. **Caos: Terrorismo Poético e outros crimes exemplares**. Trad. Patrícia Decia e Renato Resende. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

BRANDÃO, Junito. **Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1991.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1996.